

Talvez a melhor maneira de começarmos a reflectir sobre este fenómeno complexo entre todos, tão complexo que os Gregos lhe chamaram «*o mistério dos mistérios*» e os biólogos e médicos modernos certamente não poderiam ainda negar-lhe esse estatuto, seja partirmos de uma constatação simples e óbvia, uma das poucas observações que sempre esteve ao alcance de todos: os seres vivos (pelo menos *alguns* seres vivos) nascem de ovos.

Esta observação data de escritos tão remotos como os Livros Sagrados da Índia, dos séculos VI e IV a. C. Aqui, em duas passagens diferentes, os seres vivos aparecem distribuídos em diferentes grupos conforme o seu processo de nascimento: na primeira passagem esta taxonomia é tripartida, incluindo aqueles que nascem de *ovos*, aqueles que nascem de *um outro ser vivo*, e aqueles que nascem de *germes*; na segunda passagem o tríptico divide-se em quatro, incluindo agora também «*aqueles que nascem da transpiração*»; e especifica-se pela primeira vez que aqueles que *nascem de ovos* incluem os répteis, todos os organismos «*que se movem no ar*», e os «*organismos inferiores*».

Os Egípcios já sabiam como fazer incubações artificiais de ovos colocados debaixo do calor do estrume em decomposição, e usaram extensivamente este método com as suas galinhas, pelo menos desde 1400 a. C. Não sabemos exactamente quais eram os preceitos utilizados, mas sabemos que as taxas de sucesso assim obtidas só foram igualadas no Ocidente durante o século XIX. Os Egípcios também parecem ter sido os primeiros a experimentar perplexidades filosóficas perante o desenvolvimento, acabando por estabelecer que o «*ruh*», ou «vida», entrava no ovo do pinto ao décimo primeiro dia de incubação.

Da mesma forma, os Chineses parecem ter incubado ovos de galinha desde a sua Antiguidade remota, seguindo um método que não mudou muito até ao início do século XX: os ovos eram colocados dentro de grandes cestos de verga, aquecidos em suportes mantidos sobre brasas de carvão; e havia sempre um criado que dormia dentro destas «incubadoras», colocando a extremidade mais plana do ovo contra as pálpebras para assegurar uma temperatura constante.

Os Romanos nunca colonizaram a China, mas descobriram este fenómeno assim que chegaram ao Egipto. As suas repercussões na vida diária de Roma são bem claras em várias passagens do livro *História Natural* de Plínio (século I), considerado o primeiro tratado de História Natural do mundo, e incluindo uma interessante amálgama de relatos autênticos, mitos, lendas e fantasias, expostos lado a lado sem qualquer distinção, como se todo o conteúdo do livro correspondesse a idêntico grau de autenticidade.

A certa altura, Plínio conta-nos a história de Lúvia Augusta, uma das várias mulheres de Nero. Lúvia Augusta descobriu que estava grávida, e queria saber qual seria o sexo da sua futura progénia, que ela desejava muito que fosse um rapaz. Agarrou então num ovo e passou a transportá-lo sempre consigo, no calor do seu seio; e, se por alguma razão precisava de separar-se momentaneamente do seu precioso fetiche, passava-o a uma das suas acompanhantes, para que ele nunca arrefecesse. E, segundo nos conta Plínio, «*a profecia revelou-se verdadeira: do ovo nasceu um macho, e de Lúvia Augusta nasceu um varão*» — coisa que tanto impressionou a sociedade do tempo que várias outras mulheres passaram a usar o sistema de Lúvia Augusta para determinarem o sexo dos seus filhos. O texto prossegue com a descrição da lição que é realmente importante reter deste episódio: de como a manutenção dos ovos em calor e humidade constantes, «*de dia e de noite*», é crucial para o sucesso da sua eclosão.

Outra das histórias de Plínio, contada já antes e retomada depois por vários outros escritores da Antiguidade, é a do «*notável bêbedo*» de Siracusa: um homem que tinha o hábito de, sempre que ia para uma taberna, levar um ovo consigo, pô-lo no chão, e cobri-lo de estrume; e não parava de beber nem saía da taberna enquanto o ovo não eclodisse. Tendo em conta que a gestação do pinto demora três semanas, este feito é, sem dúvida, e a todos os títulos, absolutamente «*notável*»!

Mas seria um grande erro pensarmos que os ovos e a reprodução sempre estiveram intimamente associados entre si na mente humana. Muito pelo contrário, a maio-

ria dos povos começou por desenvolver teorias da reprodução que não só não tinham nada a ver com ovos, mas nem sequer tinham nada a ver com o acto sexual: tinham sobretudo a ver com uma miríade de factores espirituais.

Uma das essências invisíveis mais prevaletentes neste tipo de ideia, desenvolvida em diferentes períodos históricos por civilizações que nunca entraram sequer em contacto umas com as outras, é o vento: a inseminação podia ser efectuada apenas pelo poder do vento (maioritariamente o vento do Oeste), que carregava consigo turbilhões miniaturais de «sementes».

Um dos popularizadores desta ideia foi, uma vez mais, o nosso Plínio. E, curiosamente, o exemplo que toda a gente conhece e que tornou a ideia mais famosa, centra-se no território romano então conhecido como Lusitânia — e, mais especificamente ainda, nas lezírias do Tejo, onde a fertilidade era tão grande que as éguas engravidavam com o vento. Há pelo menos centenas de livros modernos que reproduzem esta passagem inesquecível: *«ninguém ignora que na Lusitânia, na vizinhança de Olisipo e nas margens do Tejo, as éguas viram o rosto para o vento do Oeste e são assim fecundadas por ele; os pol-dros engendrados desta forma são admiravelmente leves, mas morrem antes de atingirem os três anos de idade»*.

O «vento da fertilidade» é um fenómeno verdadeiramente trans-histórico e transcultural, explorado em dezenas de variações por toda a humanidade. Uma lenda muito antiga é a do «*baloma*», contada em várias ilhas da Polinésia: os ilhéus não atribuíaam a gravidez ao acto sexual, mas antes à entrada do *baloma* para dentro da

mulher. No seu sentido mais lato, um baloma é qualquer espécie de fantasma; mas, neste caso concreto, temos que considerá-lo especificamente como um espírito das águas, uma vez que entra dentro das mulheres quando elas estão a tomar banho. A única explicação oferecida por raparigas solteiras quando engravidavam era «*fui mordida por um peixe*». Verdade ou mito, esta história torna-se ainda mais interessante quando verificamos que toda a comunidade parecia aceitar esta mordidela fertilizante como um facto, e não como uma desculpa esfarrapada para evitar problemas sociais desconfortáveis. A factualidade do baloma parece estar completamente fora de causa quando descobrimos que o único método anti-contraceptivo praticado pelas mulheres das ilhas era evitarem tomar banho durante a maré alta, quando o espírito deveria estar no máximo da sua pujança.

Até há muito pouco tempo, as populações da Nova Guiné, da Melanésia, da Austrália e da Nova Zelândia, não viam qualquer ligação entre o sexo e a geração: as mulheres engravidavam quando qualquer espírito, fosse ele vegetal ou animal, ou até mineral, conseguisse entrar dentro delas em lugares específicos com propriedades mágicas. Este espírito podia ser *enviado* ao encontro da mulher pela força de vontade de um homem, mas o homem não precisava de ter qualquer contacto físico com ela para impregná-la.

Outro elemento evanescente considerado crucial para várias culturas, incluindo culturas europeias, era o *fogo*: as mulheres estéreis do Tirol, por exemplo, sentavam-se dentro dos fornos enquanto as cinzas ainda estavam quentes para tentarem vencer as suas limitações fisioló-